



Ministério da Saúde
FIOCRUZ
Fundação Oswaldo Cruz



ESCOLA POLITÉCNICA DE SAÚDE
JOAQUIM VENÂNCIO

Ashley Cristina da Silva Borges

**Racismo estrutural: consequências relacionadas à
hipersexualização da mulher negra**

Rio de Janeiro

2024

Ashley Cristina da Silva Borges

Racismo estrutural: consequências relacionadas à hipersexualização da mulher negra

**Monografia apresentada à Escola
Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio –
Fundação Oswaldo Cruz (EPSJV-Fiocruz)
como requisito parcial para aprovação no
Curso Técnico em Biotecnologia.**

Orientadora: Valéria Fernandes de Carvalho

Rio de Janeiro

2024

Ashley Cristina da Silva Borges

Racismo estrutural: consequências relacionadas à hipersexualização da mulher negra

**Monografia apresentada à Escola Politécnica
de Saúde Joaquim Venâncio – Fundação
Oswaldo Cruz (EPSJV-Fiocruz) como
requisito parcial para aprovação no Curso
Técnico em Biotecnologia.**

Aprovado em __/__/__

BANCA EXAMINADORA

[Nome do/a Professor/a Orientador/a]

EPSJV/FIOCRUZ

[Nome do/a Professor/a Convidado/a]

[Instituição do convidado]

[Nome do/a Professor/a Convidado/a]

[Instituição do convidado]

Rio de Janeiro

2024

Dedico este trabalho a todas as mulheres negras que de algum modo se sentiram distantes de si mesmas, e que se acharam não pertencentes ao amor. Dedico e lamento a todas aquelas que vítimas dessa sociedade racista se viram em situações de vulnerabilidade e abuso, que possamos cada vez mais resgatar nossas forças sem nos sentirmos culpadas por termos passado sozinhas por tantas dores. Que este trabalho de algum modo possa nos representar, acolher e dar voz a todas nós que fomos caladas por tanto tempo.

O amor acolhe nossa alma, o afeto muda histórias e nos faz acreditar que vale a pena tentar de novo.

AGRADECIMENTOS

Antes de agradecer a todos que foram fundamentais para a construção desse trabalho, começarei acolhendo a pequena Ashley Cristina, que a partir dos 5 anos se viu sozinha e carregou essa culpa até os dias de hoje, admiro sua coragem e determinação por falar de algo que te dói tanto.

Aos principais responsáveis pela construção dessa monografia, ofereço meu eterno carinho e gratidão. Valéria Fernandes Carvalho, agradeço por acreditar em mim e sempre me motivar a continuar a escrever sobre este tema mesmo com todas as minhas dificuldades, você me inspira como mulher, pesquisadora, professora e amiga.

A Gisele Luiza Apolinário Malheiros, agradeço por todas as vezes em que disse estar orgulhosa de mim e me fazer chorar com essas palavras, obrigada por sempre me acolher e me mostrar o que é o amor, considero que a família nós construímos por onde passamos e você sempre fará parte da minha.

Agradeço também aos amigos que sempre se fizeram presente e me apoiaram nessa trajetória; Maria Eduarda Moraes, Vitória Accioly de Souza e Pedro Moura Paes.

Obrigada Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio.

*“Quando a mulher negra se movimenta, toda
a estrutura da sociedade se movimenta com
ela ”*

- Angela Davis, 2017

RESUMO

Este projeto tem como objetivo compreender as questões que envolvem a hipersexualização e as relações afetivas da mulher negra que estão presentes no racismo estrutural cotidiano baseadas no contexto histórico atual. Para tanto, buscaremos compreender: porque as mulheres negras são majoritariamente atingidas pelas violências raciais presentes em nossa sociedade; os motivos que levam à vulnerabilidade sexual destas mulheres; assim como, compreender como todos os aspectos abordados sobre a hipersexualização da mulher trazem consequências para sua vida afetiva, psicológica, física, ocasionando adversidades em seu convívio social. Como metodologia utilizaremos a abordagem qualitativa, procurando atingir os objetivos geral e específicos, usando como estratégias de pesquisa a revisão da literatura científica por meio de buscas de artigos científicos, livros e trabalhos disponibilizados nas bases de dados como SciELO e *Google* acadêmico

Palavras-chave: racismo, hipersexualização e mulheres negras.

IBGE = Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IMAGENS E ILUSTRAÇÕES

imagem 1= retrata uma mulher escravizada sendo ama de leite

imagem 2= anuncia a venda de uma mulher escravizada

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	17
1.1. Justificativa	19
2. OBJETIVOS	20
2.1. Objetivo geral	20
2.2. Objetivos específicos.....	20
3. METODOLOGIA	21
4. CAPÍTULO 1	21
4.1 Racismo Estrutural e Racismo institucional.....	21
4.2 Manifestações do Racismo estrutural e Estereótipos.....	23
4.3Capitalismo e a sexualização do corpo negro.....	25
4.4 Interseccionalidade.....	25
5.CAPITULO 2	26
5.1 A Mulher Negra na Sociedade.....	26
5.2 Dados e Consequências.....	27
6. CONCLUSÃO E CONSIDERAÇÕES FINAIS	28
6.1 Desafios e Necessidade de Diálogo Crítico.....	29
7. REFERÊNCIAS	31

1. INTRODUÇÃO

O racismo constitui a formação social brasileira, desde que os europeus invadiram o nosso país. Desta forma, atravessa todas as relações sociorraciais provenientes de um conjunto de ações e fatos históricos que vem se perpetuando desde a escravidão até os dias atuais, que produziram violências em diversas dimensões da vida dos povos originários, africanos e afrodescendentes.

Segundo (SILVA, 2019) o racismo é sempre estrutural na medida em que “fornece o sentido, a lógica e a tecnologia para as formas de desigualdade e violência que moldam a vida social contemporânea” (pág.15), manifestando-se nas relações pessoais, assim como, na dinâmica das instituições advindas das esferas econômicas, políticas e culturais de nossa sociedade.

Diferente de outros países, as relações raciais no Brasil sofreram, e ainda sofrem, forte influência da chamada democracia racial, pseudo-teoria criada por FREYRE (2003). De acordo com esse autor, em nosso país o racismo não teria existido por conta das relações harmônicas, híbridas e igualitárias que caracterizaram as relações raciais estabelecidas entre os brancos, africanos e indígenas. Tal perspectiva, apesar de desconstruída por FERNANDES (2008) ainda influencia fortemente o imaginário social da população brasileira atualmente. Por conta disso, durante muitos anos, e ainda nos dias de hoje, a escravidão foi romantizada e as profundas violências sofridas pelos povos escravizados foram minimizadas de modo que todo o sofrimento da população negra foi apresentado como símbolo da sua força - para vender histórias de superação e vitória -, anulando toda a barbárie praticada pelos europeus.

Consideramos que a resistência e resiliência dos povos escravizados são características inegáveis destes, no entanto, estas não podem servir de argumento para mascarar ou amenizar o holocausto negro (Césaire, 1978) a que foram submetidos e que tem reflexos até os dias atuais.

As violências que incidiram sobre os corpos negros adquiriram características específicas em relação às mulheres negras. Estas, além das atividades que desenvolviam nas lavouras e no ambiente doméstico da casa grande, foram submetidas aos abusos sexuais dos homens brancos.

De acordo com Davis (2016, p.19),

“(…) A maioria das meninas e das mulheres, assim como a maioria dos homens, trabalhava pesado na lavoura do amanhecer ao pôr do sol. No que diz respeito ao

trabalho, a força e produtividade sob a ameaça do açoite eram mais relevantes do que questões relativas ao sexo. Nesse sentido, a opressão das mulheres era idêntica à dos homens”.

Essa autora ainda chama atenção e destaca que estas mulheres, além de todas as barbáries que os escravizados eram submetidos, sofriam de forma diferente, pois eram constantemente vítimas de abuso sexual e outros maus-tratos bárbaros que só poderiam ser infligidos a elas, por exemplo, “(...) o estupro era uma arma de dominação, uma arma de repressão, cujo objetivo oculto era aniquilar o desejo das escravas de resistir e, nesse processo desmoralizar seus companheiros” (DAVIS, 2016, pág. 36).

Ainda, segundo (hooks, 1995)

“Para justificar a exploração masculina branca e o estupro das negras durante a escravidão, a cultura branca teve que produzir uma iconografia de corpos de negras que insistia em representá-las como altamente dotadas de sexo, a perfeita encarnação de um erotismo primitivo e desenfreado” (hooks, 1995, p. 469).

Desde os períodos de colonização e escravidão as mulheres negras são tratadas como inferiores e vistas como objetos sexuais de seus colonizadores; estes estereótipos de que as mulheres negras são acessíveis e qualificadas sexualmente são alimentados e propagados até os dias atuais tanto na mídia quanto na literatura, onde são descritas de maneiras eróticas e que “agrade” ao público predominante masculino.

Por essas e outras razões é correto afirmar que este estigma não superado historicamente e não discutido numa perspectiva antirracista e de enfrentamento às brutais violências raciais, infelizmente expõe muitas meninas e mulheres negras a situações de hipersexualização no cotidiano.

1.1 JUSTIFICATIVA

“Muitas mulheres negras sentem que em suas vidas existe pouco ou nenhum amor. Essa é uma de nossas verdades privadas que raramente é discutida em público. Essa realidade é tão dolorosa que as mulheres negras raramente falam abertamente sobre isso” (bell hooks, 2000)

Nos dias atuais podemos observar diversas discussões a respeito das questões étnico-raciais e de gênero que são de extrema importância e relevância para contribuir com o fim das

discriminações e preconceitos raciais na contemporaneidade; tendo isso em vista é possível analisar que, apesar de alguns avanços, pouco se discute questões referentes à hipersexualização das mulheres negras e as diversas violências que incidem sobre seus corpos, que não se restringem à dimensão física, atingindo-as também psicologicamente e emocionalmente, ocasionando, entre outras questões, a chamada solidão da mulher negra e a dificuldade de nutrir o amor interior¹ e a autovalorização.

A escolha deste tema surgiu de algumas observações na história da escravidão e um conjunto de fatos e acontecimentos presentes no meu dia a dia que me fizeram perceber o quanto era necessário um diálogo recorrente sobre este tema, que muitas vezes acaba sendo negligenciado. É notável o quanto este assunto não tem a voz necessária e eu, uma mulher jovem negra, me sentia muitas vezes não representada em muitos espaços, com questionamentos que a maioria das mulheres brancas, que se enquadram nos padrões sociais hegemônicos, não saberia me responder. Diante disso, senti necessidade de trazer essa reflexão para diálogo. hooks (2000) analisa as marcas da escravidão no ato de nutrir o amor interior:

“Muitos negros, e especialmente as mulheres negras, se acostumaram a não ser amados e a se proteger da dor que isso causa, agindo como se somente as pessoas brancas ou outros ingênuos esperassem receber amor. Uma vez disse para algumas mulheres negras que gostaria de viver em um mundo onde existisse amor, onde pudesse amar e ser amada. Depois disso, elas passaram a rir de mim sempre que nos encontrávamos. Para que esse mundo possa existir é preciso acabar com o racismo e todas as formas de dominação. Se escolho dedicar minha vida à luta contra a opressão, estou ajudando a transformar o mundo no lugar onde gostaria de viver”

Como jovem negra que vivencia e observa diariamente situações desagradáveis que se manifestam a partir dos estereótipos estabelecidos pelo racismo na sociedade, considero que essa temática é de grande relevância social, tendo em vista que atinge a maioria da população brasileira que é negra, e pode contribuir de forma considerável para que outras jovens, meninas e mulheres negras possam se sentir acolhidas e ouvidas.

¹ Utilizo a expressão amor interior seguindo a compreensão de bell hooks. Segundo esta autora, "uso a expressão 'amor interior' e não 'amor próprio' porque a palavra 'próprio' é geralmente usada para definir nossa posição em relação aos outros. Numa sociedade racista e machista, a mulher negra não aprende a reconhecer que sua vida interior é importante".

“Quando nós, mulheres negras, experimentamos a força transformadora do amor em nossas vidas, assumimos atitudes capazes de alterar completamente as estruturas sociais existentes. Assim poderemos acumular forças para enfrentar o genocídio que mata diariamente tantos homens, mulheres e crianças negras. Quando conhecemos o amor, quando amamos, é possível enxergar o passado com outros olhos; é possível transformar o presente e sonhar o futuro. Esse é o poder do amor. O amor cura”.
(hooks, 2000)

Dessa forma, considero fundamental analisarmos as marcas profundas advindas da escravidão, que são reproduzidas e perpetuam violências raciais sobre os corpos e subjetividade das mulheres, jovens e crianças negras na atualidade, através de mecanismo de manutenção de preconceitos, discriminação e sujeição.

1.2 OBJETIVOS

Geral:

Compreender as questões que envolvem a sexualização e as relações afetivas da mulher negra que estão presentes no racismo estrutural cotidiano baseadas no contexto histórico atual.

Específicos:

- 1) Identificar o porquê as mulheres negras são majoritariamente atingidas pela sociedade em questões raciais.
- 2) Compreender os motivos que levam à vulnerabilidade sexual das mulheres negras;
- 3) Compreender como todos os aspectos abordados sobre a hipersexualização da mulher trazem consequências para sua vida afetiva, psicológica, física, ocasionando adversidades em seu convívio social.

2. METODOLOGIA

A monografia teve como base a abordagem qualitativa. Utilizou como estratégias de pesquisa a revisão da literatura, através a leitura de artigos científicos, dissertações e livros, relacionados à hipersexualização da mulher negra, por meio da busca nas bases de dados

Google Acadêmico e Google buscador, tendo como referência os descritores: racismo, sexualização e solidão da mulher negra.

4. CAPÍTULO 1

4.1 Racismo Estrutural e Racismo Institucional

Definir o racismo estrutural atualmente demanda uma compreensão mais profunda das complexidades que permeiam essa questão na sociedade brasileira. Muitas das manifestações de racismo foram internalizadas ao longo do tempo, tornando-as desafios estruturais persistentes. A formação social brasileira, desde a chegada dos europeus, foi marcada por sistemas que perpetuaram a hierarquia racial, impactando diretamente a vida da população negra.

De acordo com Almeida (2019), o racismo não é apenas um fenômeno de ocasiões individuais ou de manifestações de discriminação isoladas, mas sim um sistema que abrange todas as instituições sociais e econômicas e molda a distribuição desigual de poder, oportunidades e recursos.

Após os escravizados terem sua liberdade conquistada é possível afirmar que ainda hoje os descendentes deste povo liberto ocupam as categorias mais inferiorizadas na hierarquia social. Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2022), pessoas autodeclaradas pretas e pardas constituem 56,1% da população brasileira, porcentagem que representa a maioria da população brasileira e que está mais exposta ao desemprego, à subalternidade, à violência e que tem menos oportunidades de estudos, entre outros. A materialização do racismo na vida do povo negro pode ser constatada, por exemplo:

- Na desigualdade socioeconômica que afeta principalmente negros e indígenas, que são constantemente excluídos da sociedade e acabam não tendo oportunidades dignas de emprego, saúde e alimentação;
- Na violência policial que afeta principalmente as áreas periféricas onde a maioria dos moradores são negros em situações precárias de sobrevivência;
- Na falta de representatividade na mídia, onde os padrões seguidos são de modelos eurocêntricos onde os corpos das mulheres negras por não se adequarem ao modelo exposto acaba sendo objetificado e sexualizado;

Portanto, o racismo é estrutural e estruturante por estar presente nos alicerces que compõem a nossa sociedade, em contextos políticos, culturais e econômicos.

Almeida (2019) cita o quanto as políticas públicas contribuem para a manutenção do racismo na contemporaneidade, criando barreiras sistemáticas para o progresso da população negra. Além de expor o quanto o racismo é sim um modo de estrutura social e não uma anormalidade, afirma que o tratamento do racismo como uma anomalia patológica abstém a responsabilidade de quem o produz, ou seja, quando uma pessoa tem atitudes racistas ela possui consciência racional do que está sendo reproduzido. Em paralelo, o referido autor aborda o conceito de racismo institucional, e explora como as instituições podem perpetuar a discriminação racial de maneira muitas vezes não intencional, mas sistemática. Almeida (2019) enfatiza ainda que as estruturas sociais e as instituições têm um papel ativo na perpetuação das desigualdades raciais. Seu trabalho ressalta a importância de uma análise crítica das políticas e práticas institucionais, destacando como elas podem reproduzir padrões discriminatórios.

4.2 Manifestações do Racismo estrutural e estereótipos

Neste mesmo cenário racial que causa impacto direto a vários âmbitos da vida da população negra temos em pauta a mulher negra, e como as dimensões das violências raciais se fazem presentes no cotidiano delas. A hipersexualização² da mulher negra se faz presente na história brasileira desde o período escravocrata, onde as mulheres negras eram vistas e representadas de modo que seus corpos serviam apenas para contribuir com o trabalho árduo nas lavouras, e para suportar abusos de seus colonizadores.

De acordo (hooks,2019) com “(...) as pobres mulheres da África passaram por maus bocados. Como regra, elas faziam todo o trabalho pesado. Eram obrigadas a sempre cortar madeira e carregar água na cabeça, plantar o arroz e a mandioca porque era obrigação da mulher”. Além de terem que cumprir as atividades do dia a dia, as mulheres negras eram constantemente humilhadas e violentadas sexualmente, a bordo dos navios elas eram obrigadas a andar sem suas vestimentas, para serem alvos disponíveis para os homens brancos que as quisessem torturar. “A nudez dessas mulheres era um constante lembrete da vulnerabilidade

² O termo hipersexualização por sua vez tem como objetivo integrar caráter sexual e sexualizar ao extremo o indivíduo.

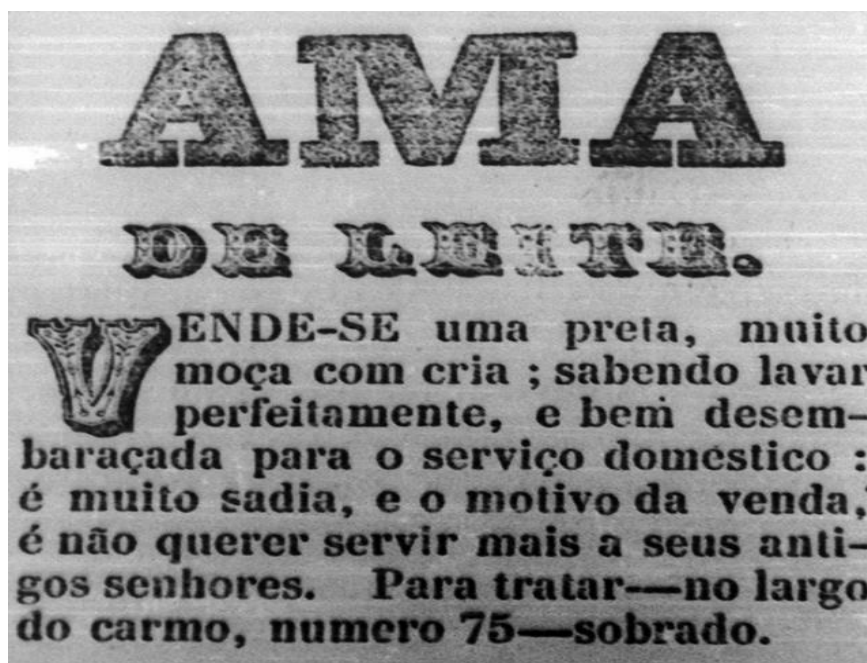
sexual, o estupro era utilizado como um método de tortura para causar medo e terror psíquico nas vítimas” hooks (2019)

Mulheres africanas receberam a pior parte dessa violência e desse terror em massa, não somente porque poderiam ser vitimadas pela sexualidade, mas também porque eram mais propensas a trabalhar intimamente com as famílias brancas³. O escravizador considerava a mulher negra cozinheira, ama de leite, governanta comercializável; por isso era crucial que elas fossem aterrorizadas ao ponto de se submeter passivamente a vontade do senhor, da senhora e suas crianças brancas” hooks, 2019



Ama de leite / Créditos: Arquivo Nacional / UFF, 2023

³ Retratado nas imagens a seguir



Anúncio de venda de ama de leite no jornal / Créditos: São Paulo Antiga, 2023

4.3 Capitalismo e a sexualização do corpo negro

Um exemplo de corpo negro sexualizado pelo capitalismo na contemporaneidade é o da Globeleza, onde a modelo era exposta nua com o corpo parcialmente pintado em rede nacional, sambando para “representar” o carnaval. O mais triste diante disso é que demorou muito tempo para alguém perceber que havia racismo ali, e nós mulheres negras que muitas vezes nos sentimos desconfortáveis por sermos representadas de maneira erótica na mídia não tivemos nossas vozes ouvidas, até alguém branco sinalizar o que havia de errado.

Segundo Helena Vitorino “Os meios de comunicação ajudaram na construção do mito da “mulata-Jezebel”, a negra lasciva que rebola em rede nacional tentando conquistar seu marido, mas só para uns vinte ou trinta minutos de cama; e que é para isso que essa imagem de mulata-lasciva serve: ela serve aos homens, e ela serve à cama. Neste estereótipo animalesco sexual está contida não só a figura da Globeleza, mas também das Mulatas do Sargentelli, das passistas das escolas de samba, das dançarinas de palco de famosos programas de TV do Brasil. E todas essas mulheres encerradas na etiqueta de “mulata do samba” tem uma ancestral em comum, não biológica, mas uma ancestral cultural: a escravizada negra, que servia para atender aos impulsos carnis de seu senhor, confinada no calabouço da Senzala e requisitada durante o dia ou durante a noite, à hora que fosse, contra sua vontade. Em outras palavras, a construção

da “mulata-Jezebel moderna”, essa que vemos na TV em horário nobre, em cores vibrantes e sorrindo, é a sofisticação cruel da escrava negra estuprada pelo senhor”.

4.4 Interseccionalidade

A escritora bell hooks compreende a interseccionalidade como um enfoque que reconhece a interação complexa entre diferentes sistemas de opressão, como raça, gênero, classe e sexualidade. Ela argumenta que essas formas de opressão não podem ser entendidas isoladamente, pois suas interconexões moldam de maneira única as experiências das pessoas, especialmente as mulheres negras.

Ao discutir interseccionalidade, bell hooks não apenas expõe as opressões enfrentadas pelas mulheres negras, mas também celebra a resistência e o empoderamento que emergem em meio a essas interseções. Ela destaca a importância de reconhecer a força resiliente das mulheres negras, resistindo às diversas formas de marginalização.

A perspectiva de bell hooks sobre interseccionalidade oferece uma contribuição crítica para os estudos contemporâneos de gênero e raça. Ao destacar as complexas interações entre diferentes formas de opressão, hooks desafia narrativas simplificadas e propõe uma abordagem mais inclusiva e autêntica para entender as experiências das mulheres negras. Essa análise crítica inspira reflexões profundas sobre como os movimentos sociais e acadêmicos podem ser mais sensíveis à diversidade e à complexidade das identidades.

5. CAPÍTULO 2

5.1 A Mulher Negra na Sociedade

A hipersexualização do corpo negro feminino, como discutido por Lopes (2022), é uma forma de objetificação que encontra suas raízes nas estruturas históricas e sociais. O legado de uma sociedade que historicamente rebaixou as mulheres negras a papéis de subalternidade, como apontado por Fernandes (2008), contribui para a perpetuação desses estereótipos. A escravidão, por exemplo, viu as mulheres negras sendo reduzidas a corpos destinados ao trabalho e à satisfação sexual dos senhores, gerando narrativas que ecoam na contemporaneidade.

Hooks (1995) ressalta a influência da mídia e da cultura popular na construção desses estereótipos, criando representações que associam a feminilidade negra à sensualidade excessiva. Isso se traduz em narrativas que moldam a autoimagem das mulheres negras e influenciam a percepção pública, reforçando a ideia de que sua identidade é inseparável de sua sexualidade.

Segundo a pesquisadora Jady Rosa dos Santos (2021), quando se trata de mulher negra existem dois estereótipos comumente popularizados: mulata e doméstica. O perfil de mulata abrange a idealização da mulher negra cheia de curvas, atravessada pelo fetiche masculino. Já no retrato de doméstica é onde a mulher negra é colocada em um perfil de servidão, onde ela não possui protagonismo e constantemente acaba sendo desumanizada. Segundo a referida autora:

“a hipersexualização dos corpos negros é um fenômeno histórico que remonta à escravidão, quando os negros e as negras eram vistos como objetos sexuais e reprodutores, sem direito à afetividade e à dignidade. Essa imagem se perpetuou na sociedade brasileira, que associa a mulher negra a estereótipos como a mulata, a sambista, a doméstica, a mãe solteira, a prostituta, entre outros, que reforçam sua subalternidade e sua disponibilidade sexual” (Jady Rosa dos Santos 2021)

“Acho que toda mulher negra já escutou essa abordagem de um homem: ‘meu desejo é ficar com uma mulher negra’. O nosso corpo é o tempo todo objetificado. É vivência real. Nós não somos apenas uma mulher. Eu sou uma mulher negra andando na rua” (Jady Rosa dos Santos 2021)

5.2 Dados e Consequências

Alguns estudos recentes apresentam dados que evidenciam como as quais as mulheres negras seguem sendo vítimas do racismo estrutural em diversos âmbitos da vida.

- Durante a pandemia foi realizada uma pesquisa pelo Atlas da violência (2020) onde os dados mostraram que as principais vítimas de homicídio no Brasil eram as mulheres negras. A taxa de morte era cerca de 5,2 mortes a cada 100 mil habitantes, já a taxa de mulheres não negras a taxa era de 2,3. Este estudo também mostrou que de 2008 a 2018 o número de homicídios a mulheres negras aumentou cerca de 12,4%, diferente das mulheres não negras onde a taxa reduziu 11,7%.
- Já no Relatório anual de Violência Doméstica e Familiar contra a mulher (2019) as mulheres negras são 66,2% das vítimas de violência doméstica no Brasil, 61,8% violência física, 31,1% violência psicológica e 2,6% violência sexual.
- De acordo com um artigo publicado na revista Galáxia (referência), as mulheres negras possuem mais dificuldades para encontrar parceiros afetivos em aplicativos de

relacionamento, são muitas vezes ignoradas, fetichizadas e rejeitadas pelos usuários. Neste mesmo artigo é sinalizado que os próprios algoritmos desses aplicativos são capazes de reproduzir lógicas racistas que favoreçam apenas padrões eurocêntricos.

- Mulheres negras, indígenas e de baixa renda são as maiores vítimas de violência obstétrica, e morrem mais durante o parto do que as mulheres brancas. (Câmara dos deputados, 2023)

O racismo estrutural incide diretamente nos corpos dessas mulheres, que são oprimidas, fetichizadas e marginalizadas diariamente. Dentro dessa estrutura do racismo, o capitalismo lucra cada vez mais em cima dos estereótipos criados para se referir às mulheres negras, com colocações eróticas ao corpo negro, que acaba sendo cada vez mais alimentadas pelo machismo e sexismo.

6. Conclusão e Considerações Finais

Ao analisarmos a história e as dimensões contemporâneas do racismo estrutural no Brasil, torna-se evidente que essa ferida profunda permeia todas as relações sociorraciais desde os tempos da colonização até os dias atuais. O impacto desse fenômeno transcende a escravidão, deixando cicatrizes que persistem nas diversas esferas da vida das mulheres negras até os dias de hoje

A abordagem de Silva (2019) ressalta a natureza estrutural do racismo, fornecendo a base teórica para compreendermos como ele permeia não apenas as relações pessoais, mas também as instituições que moldam a sociedade brasileira. A pseudoteoria da democracia racial, como proposta por Freyre, influenciou significativamente a percepção do racismo no Brasil, mesmo após ser desconstruída por Fernandes (2008). Essa romantização da escravidão contribuiu para minimizar as violências sofridas pelos povos escravizados, obscurecendo a brutalidade imposta pelos colonizadores europeus.

A resistência e a resiliência dos povos escravizados são reconhecidos como aspectos inegáveis de sua história, mas é fundamental destacar que essas características não podem ser usadas para mascarar ou atenuar o holocausto negro ao qual foram submetidos. Como salientado por Davis (2016), as violências dirigidas aos corpos negros, especialmente às mulheres, adquiriram contornos específicos, marcados por abusos sexuais e maus-tratos desumanos.

A obra de hooks (1995) aprofunda a compreensão das violências sofridas pelas mulheres negras durante a escravidão, destacando como a cultura branca justificava a exploração e o estupro por meio de uma iconografia que objetificava seus corpos, retratando-os como símbolos de erotismo primitivo.

Desde os períodos de colonização e escravidão, as mulheres negras foram tratadas como objetos sexuais por seus colonizadores, perpetuando estereótipos que as consideram acessíveis e qualificadas sexualmente. Esses estigmas, longe de serem superados historicamente, persistem na sociedade contemporânea, refletindo-se na hipersexualização presente na mídia e na literatura.

6.1 Desafios e Necessidade de Diálogo Crítico

Diante desse panorama, concluímos que o racismo estrutural é uma ferida aberta na alma do Brasil, moldando suas relações e perpetuando desigualdades. A romantização da escravidão, aliada à persistência de estereótipos de hipersexualização, expõe as mulheres negras a uma realidade de vulnerabilidade e exploração.

A desconstrução desse legado exige um diálogo crítico e aberto sobre as feridas históricas do país. É preciso confrontar os mitos da democracia racial, desmascarar a romantização da escravidão e desafiar os estereótipos que continuam a marginalizar as mulheres negras. A representatividade positiva, a educação antirracista e a promoção de espaços de discussão são ferramentas essenciais nesse processo.

A luta contra o racismo estrutural requer não apenas uma reflexão sobre o passado, mas também ações transformadoras no presente. Somente através do reconhecimento e da responsabilização coletiva podemos almejar uma sociedade mais justa, igualitária e inclusiva para todas as suas cidadãs e cidadãos.

7. REFERÊNCIAS

Livros e capítulos de livros:

ALMEIDA, S. O que é o racismo estrutural? São Paulo: Pólen, 2019.

CESÁIRE, Aimé. Discurso sobre o colonialismo. Lisboa: Editora Livraria Sá da Costa, 1978.

DAVIS, Angela. Mulheres, raça e classe. São Paulo: Boitempo, 2016.

FERNANDES, Florestan. A integração do negro na sociedade de classes: o legado da "raça branca". São Paulo: Globo, 2008. v. 1.

FREYRE, Gilberto. Casa-grande & senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal. São Paulo: Global, 2003.

hooks, bell. Vivendo de amor. In: WERNECK, Jurema; MENDONÇA, Maisa; WHITE, Evelyn C. (orgs.). O livro da saúde das mulheres negras. Nossos passos vêm de longe. Rio de Janeiro: Pallas: Criola, 2000. p. 188-198.

Periódicos:

CARMO, N. A. do; RODRIGUES, O. da S. Minha carne não me define: a hipersexualização da mulher negra no Brasil. O público e o privado, n. 40, p. 30-50, set./dez. 2021.

hooks, bell. Intelectuais Negras. Revista Estudos Feministas, v. 3, n. 2, p. 464-478, 1995. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/16465/15035>. Acesso em: dez. 2022.

OLIVEIRA DA SILVA, E. W.; STEN, B.; LIMA, K. de O.; SANTOS LIMA, A. J. Os velhos caminhos na solidão da mulher negra. Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN), v. 14, n. 39, p. 522–545, 2022. Disponível em: <https://abpnrevista.org.br/site/article/view/1322>. Acesso em: dez. 2022.

Sites e portais:

CARNEIRO, S. Enegrecer o feminismo: a situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero. Portal Gelédes, 2011. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/enegrecer-o-feminismo-situacao-da-mulher-negra-na-america-latina-partir-de-uma-perspectiva-de-genero/>. Acesso em: jul. 2023.

Câmara dos Deputados. Violência obstétrica. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/noticias/954260-debatedores-dizem-que-mulheres-negras-e-pobres-sao-maiores-vitimas-violencia-obstetrica>. Acesso em: jul. 2023.

Censo 2022. Portal IBGE. Disponível em: https://censo2022.ibge.gov.br/panorama/?utm_source=ibge&utm_medium=home&utm_campaign=portal. Acesso em: set. 2023.

LOPES, Rosiane. Hipersexualização do corpo negro feminino: entre o desejo e o desinteresse. 2022. Disponível em: <http://jornalismojunior.com.br/hipersexualizacao-do-corpo-negro-feminino-entre-o-desejo-e-o-desinteresse/>. Acesso em: set. 2023.

PASSOS, R. “O nosso corpo é o tempo todo objetificado”, diz doutoranda. Disponível em: <https://portal.unit.br/blog/noticias/o-nosso-corpo-e-o-tempo-todo-objetificado-diz-doutoranda/>. Acesso em: set. 2023.

Imagens:

Imagem 1 - Ama de Leite. Disponível em: <https://www.uff.br/?q=noticias/18-10-2023/historia-de-mulheres-negras-escravizadas-alugadas-como-amas-de-leite-no-seculo>.

Acesso em: janeiro 2024.

Imagem 2 - Anuncio de venda de Ama de Leite. Disponível em:

<https://www.uff.br/?q=noticias/18-10-2023/historia-de-mulheres-negras-escravizadas-alugadas-como-amas-de-leite-no-seculo>. Acesso em: janeiro 2024.

